

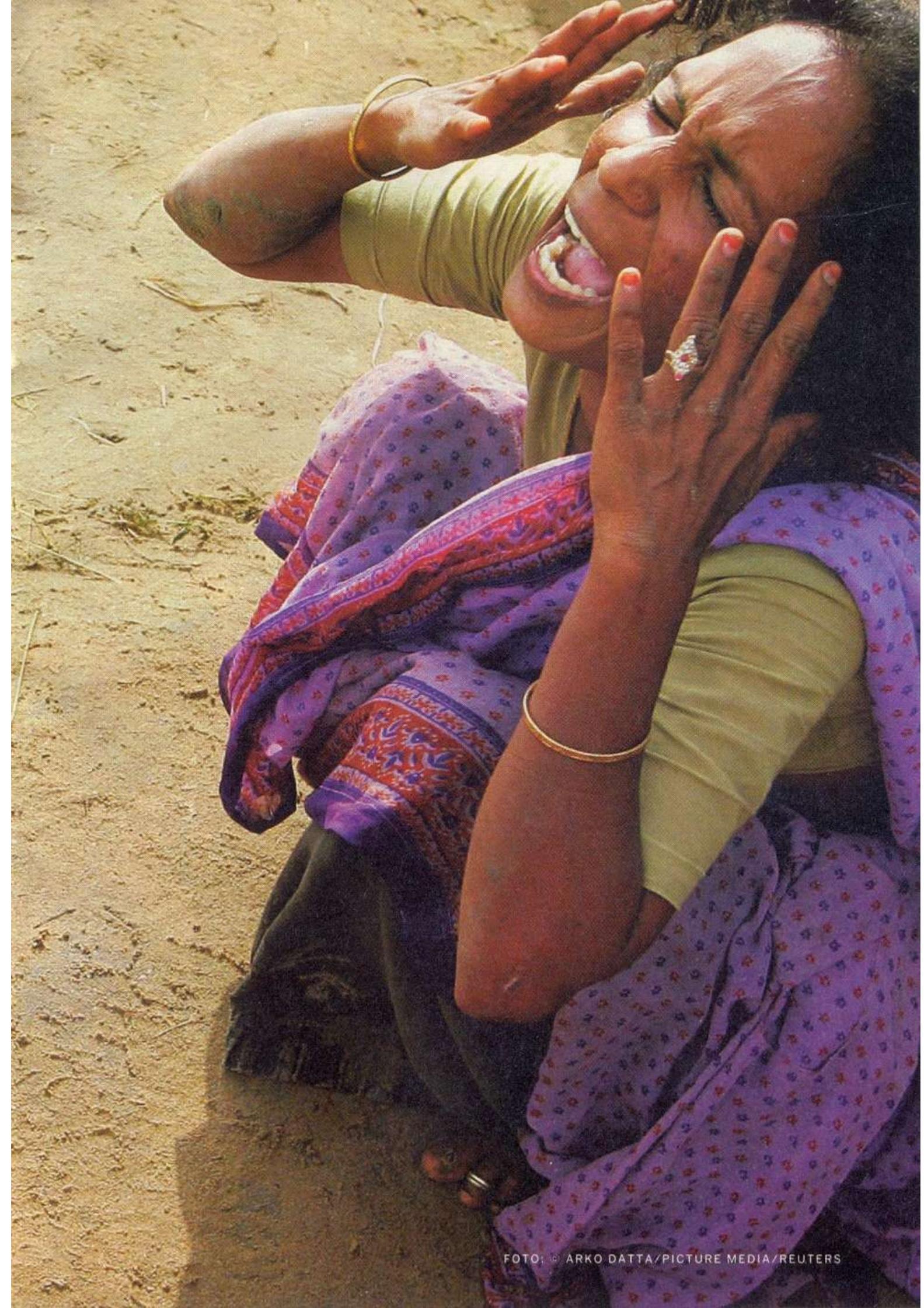
REPORTAGEM ESPECIAL

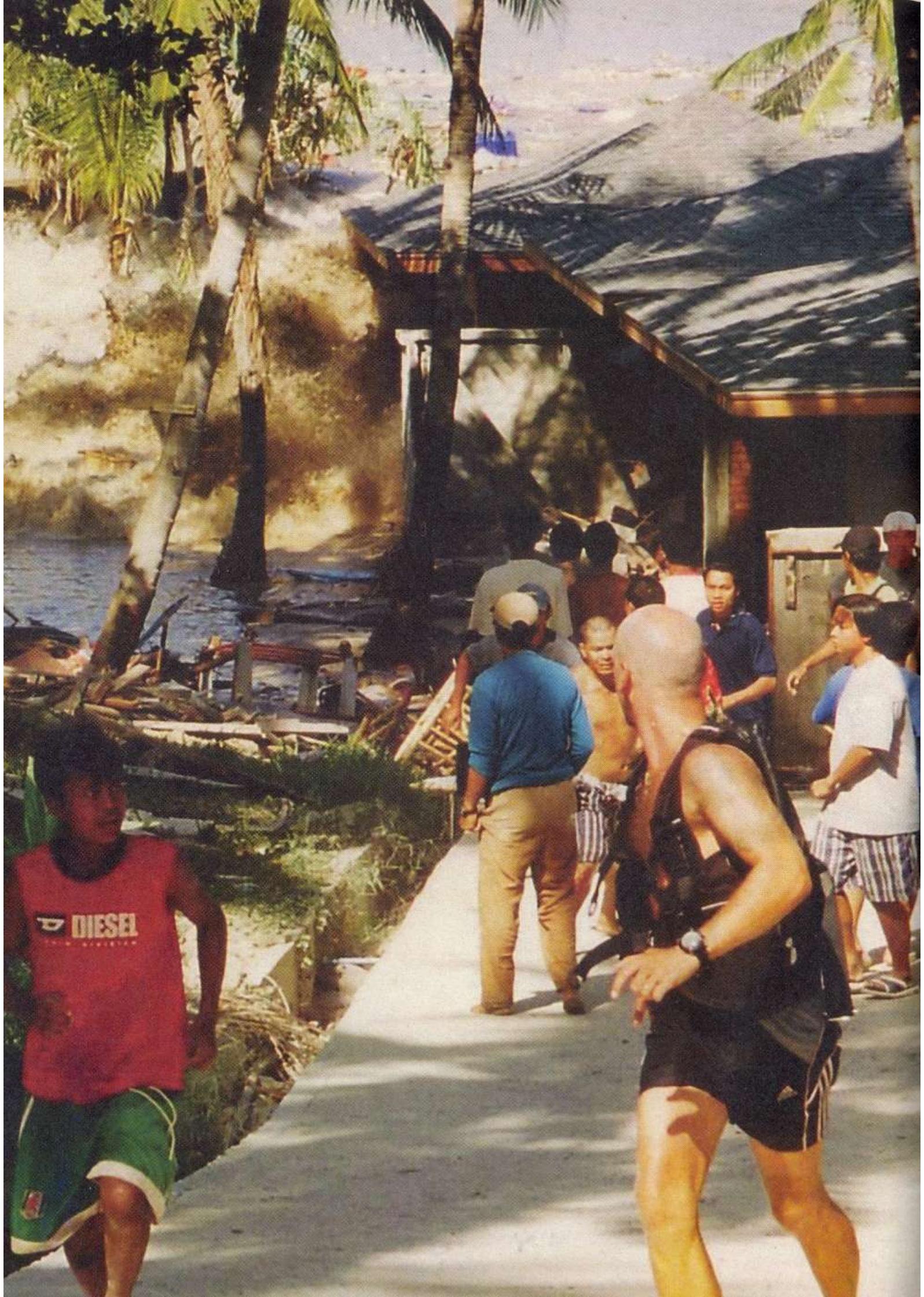
BASEADO NO RELATO DE TESTEMUNHAS

Tsunami

Em meio ao terror,
histórias comoventes de
sobrevivência e heroísmo

POR ANITA BARTHOLOMEW





DIA 26 DE DEZEMBRO de 2004, Pulau Weh, Indonésia, cerca de 7h30. Akiko Tada saltou do barco para as águas azuis do Oceano Índico. A mergulhadora de 39 anos nadou ao longo de um recife de corais e passou rapidamente por um atum e um enorme cardume de peixes menores.

Na noite anterior, Akiko, que viera de Cingapura, tinha se reunido com cerca de outros 30 mergulhadores, entre locais e visitantes, no distante centro de mergulho da praia de Gapang, para um jantar de Natal.

Já terminando a exploração do recife e pensando em voltar à superfície, Akiko ouviu um som grave, forte, perturbador. Parecendo o ruído intenso e ensurdecedor de um

A curiosidade foi a reação inicial de muitos à onda, como essas pessoas (à esquerda) em Kho Raya, sul de Phuket, Tailândia. Em minutos, a impressionante força das águas arrasou a costa.



jato possante, soou por dois ou três minutos. Foi como se a Terra estivesse gemendo.

Olhando para a superfície, Akiko esperou ver um navio passando. O que mais poderia produzir um som como aquele? No entanto, a embarcação de mergulho era a única à vista. Ao subir a bordo, perguntou ao capitão se tinha havido um terremoto. Mas o inglês dele era mínimo e ela não teve certeza da resposta.

Na verdade, um dos mais intensos terremotos do século passado tinha rompido o fundo do Oceano Índico ao largo da costa de Sumatra, 250 quilômetros a sudoeste de onde Akiko estava mergulhando. Sua magnitude

Mergulhando na remota Pulau Weh, Indonésia, Akiko Tada (abaixo) não sabia que o terremoto que ouvira debaixo d'água fora tão forte e deixara perplexas pessoas como esse homem não identificado na Tailândia (à direita).



foi de 9,0 – uma força equivalente a 23 mil bombas atômicas como a que caiu sobre Nagasaki.

O tremor tinha gerado algo centenas de vezes mais destrutivo do que ele mesmo. Ondas, como se pode ver ao jogar uma pedra no meio de um lago, agitando as águas, do fun-

do do oceano à superfície. Diferentemente das ondas normais, aquela criada pelo tremor se movia a até 800 km/h. No mar aberto, onde estava ancorado o barco de mergulho, aquela força monstruosa produziu ondulações insignificantes – de cerca de um metro de altura –, que os mergulhadores podiam facilmente tomar por movimentos normais do oceano. Entretanto, ao se aproximarem das áreas mais rasas próximas da costa, as ondulações cresceram, concentraram força e se transformaram em ondas imensas.

Província de Aceh, Sumatra, a 260 quilômetros do epicentro. Malawati Daud, 24 anos, entregou outra folha de palma de sagu ao marido, Zainud-120



din Amin, 25. Zainuddin, no telhado da casa, trançava as folhas, formando a cobertura. O jovem casal tinha herdado a casa, na aldeia de Lhongjajo, 150 quilômetros ao sul de Banda Aceh, dos pais da moça. Casados havia quatro anos, Malawati estava no quarto mês de gravidez.

De repente, o chão estremeceu como se a Terra se abrisse sob seus pés. Terremoto! Zainuddin desceu depressa do telhado e o casal correu para o lugar mais seguro em que podiam pensar: a mesquita, o ponto central do povoado, a mais de um quilômetro do mar. Amigos e vizinhos também procuraram refúgio na ampla estrutura de concreto, alguns lá dentro e outros sobre o telhado.

No andar de baixo da mesquita, Malawati e Zainuddin encontraram o que parecia ser um porto seguro. Os tremores cessaram. E, pelos 20 minutos seguintes, eles recitaram orações com outros habitantes da aldeia e uma estranha calma pairou sobre aquele lugar sagrado. A Terra falara, mas ninguém poderia suspeitar o que estava para vir do mar.

Os cânticos foram de súbito abafados por um rugido sinistro. Do telhado, as pessoas gritavam freneticamente. Choro e gritos de pânico se misturaram ao ruído assustador. Então, uma onda enorme estourou na mesquita, engolindo tudo e todos. Malawati foi arrancada do marido e arrastada por mais de dois quilômetros pela onda que voltava para o mar, levando com ela tudo que tinha tragado.

Do sari de Malawati restaram apenas frangalhos. Debatendo-se, ela conseguiu manter a cabeça fora d'água. Não sabia nadar, mas ainda tinha nas mãos uma das palmas de sagu cortadas para o telhado. Apavoradas, gritando, as pessoas eram arrastadas pelo torvelinho de água e escombros.

Sempre agarrada à palma, tragada pela mistura de água e entulho, ela se viu no oceano. Tudo estava calmo novamente. Búfalos mortos, mutilados pelos destroços ou arrastados pelo recuo das ondas, boiavam. No entanto, não havia corpos. *Talvez*, pensou ela, *os outros tenham tido mais sorte do que eu*. Ela já não conseguia ver a praia. Mas não se passou muito tempo até que avistasse à deriva outra mulher do povoado, Suli, 26 anos, também agarrada a uma folha de palmeira. Pelo menos, Malawati não estava só.

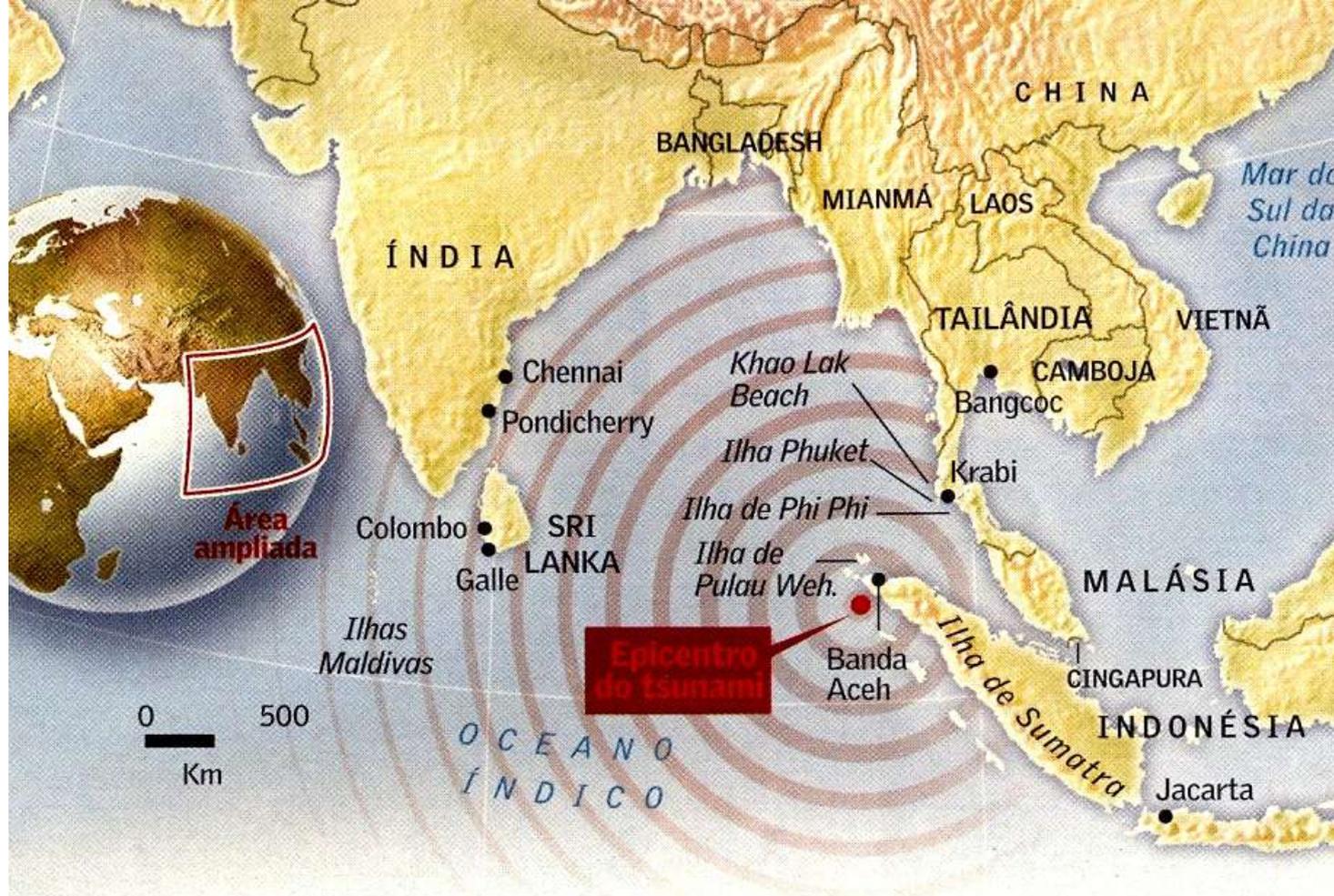
Bangcoc, Tailândia. Samith Dharmasaroja, sentado em sua casa em Bangcoc, sentiu os tremores e ouviu no rádio a notícia de que um terremoto com magnitude de 8,9 atingira o Oceano Índico naquela manhã. O cientista, formado nos Estados Unidos, sabia que o perigo era grande.

Samith descobrira que todos os *tsunamis* registrados no Pacífico tinham começado com um terremoto de 7,4 ou mais de magnitude. E aquele era 150 vezes maior e centenas de vezes mais poderoso. O epicentro do tremor se encontrava a cerca de mil quilômetros de distância. Se uma onda assassina estava a caminho, e ele acreditava que sim, só restavam, no máximo, uma hora e 15 minutos para evacuar a costa da Tailândia, onde as praias das províncias de Phuket, Phang Nga e Krabi estavam lotadas de turistas.

Havia um problema, porém. Samith ocupou o cargo de chefe do serviço de meteorologia do país até 1998, quando se aposentou. Dez anos antes, advertira sobre os perigos de um *tsunami* após um terremoto. Só que a grande onda não veio. Depois, sete anos atrás, tendo havido outro terremoto, Samith mais uma vez avisou que as áreas turísticas da costa da Tailândia podiam estar no caminho de tais ondas sísmicas. Mas novamente não houve *tsunami*. Os funcionários do governo da Tailândia, temerosos de que os prognósticos de Samith afastassem turistas e investidores, tacharam-no de louco. Os noticiários de televisão não o levavam mais a sério.

Era domingo. Não havia ninguém no serviço de meteorologia. Tentou contato com a residência do chefe da meteorologia, mas o telefone só dava sinal de ocupado. Tentou emissoras de rádio e de televisão e um jornal, em vão. Enviou alertas por fax. Alguém o escutaria?

Praia em Phuket, Tailândia. A onda se aproximou furtivamente, primeiro puxando a água da costa, estendendo a praia em cerca de 50 metros mar adentro, deixando peixes encalhados, saltando sem poder respirar.



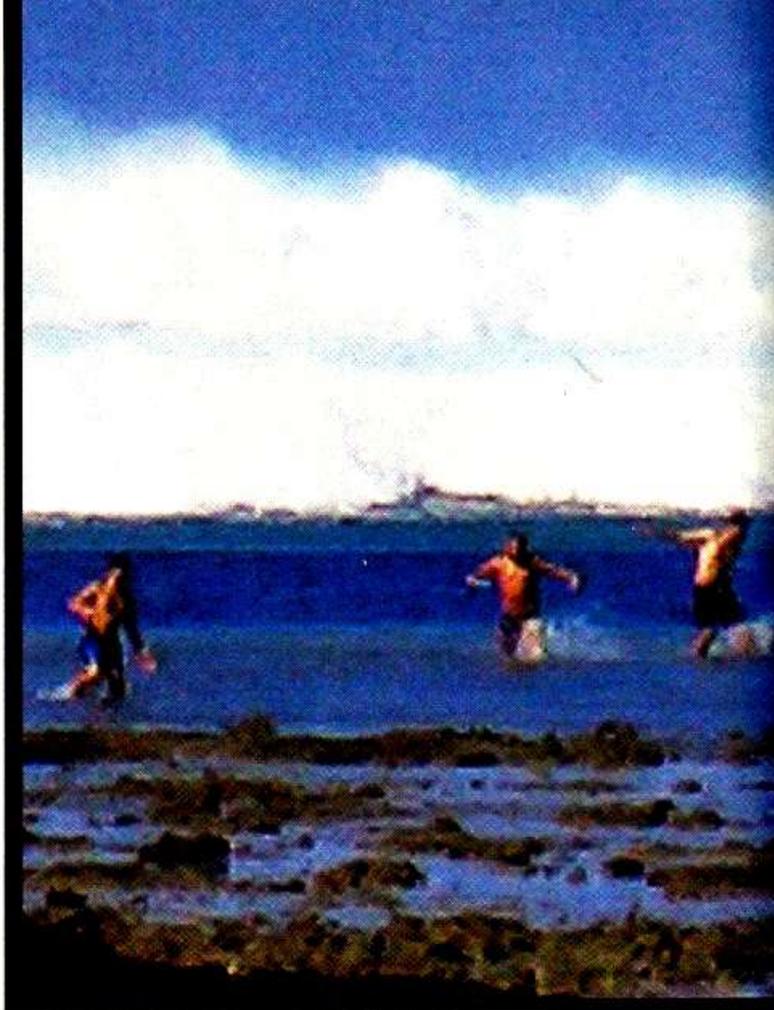
A 800 km/h, as ondas levaram meia hora para chegar a Sumatra, 1 hora e meia à Tailândia, 2 horas ao Sri Lanka e 4 horas e meia para alagar as Maldivas.

O estranho comportamento do oceano encantou os banhistas, que se aventuraram cada vez mais longe, muito além do ponto onde costumavam quebrar as calmas ondas azul-turquesa. As crianças se divertiam nas grandes poças que se formaram. Os habitantes correram para aproveitar a pescaria fácil.

Ilha de Phi Phi, Tailândia. Numa ilha não muito distante de Phuket, Luke Simmonds, 36 anos, diretor de mídia vindo da Grã-Bretanha, pulou do barco nas claras águas azuis da Baía de Ton Sai. Era sua vez de esquiar. Naquele momento, porém, algo muito estranho aconteceu: a água desapareceu, como se alguém tivesse tirado o tampão de uma pia. Sem entender o que se passava, Simmonds voltou ao barco. O piloto do barco começava a retornar à praia quando uma onda cresceu diante deles, vinda da terra. A água tinha passado por baixo do barco e formado uma onda na praia. Simmonds disse ao piloto que rumasse para águas mais profundas. Mas era impossível correr mais do que a onda. A embarcação foi alcançada e feita em pedaços.

Simmonds subiu brevemente à superfície, apenas por tempo suficiente para tomar ar, e foi de novo tragado pela onda. Nadador e mergulhador experiente, sabia que não devia lutar contra a corrente e esperou ser levado de volta à superfície. Conseguiu respirar mais uma vez, antes de ser de novo puxado para baixo. Vindo à tona, viu um colete salva-vidas boiando a curta distância, provavelmente caído de seu barco. Nadou até ele e o vestiu pela cabeça.

Foi então que uma onda o arrastou para a praia, jogando-o contra o Phi Phi Island Cabana Hotel. Ele se agarrou à varanda do primeiro andar. O tsunami o apanhou de novo, carregando-o aos solavancos pelos jardins do hotel. O colete salva-vidas o levava de volta à superfície, onde podia respirar por breves momentos. Indo de encontro a uma árvore, agarrou-se a ela e subiu, ficando em segurança.



Estrada de ferro, perto de Galle, Sri Lanka. O trem expresso de passageiros tinha saído de Colombo e sacolejava pelos trilhos perto da costa, a caminho de Galle e Matara, transportando mais de mil passageiros. Era uma manhã de domingo, dia seguinte ao Natal. Entre os passageiros estavam Daya Ranjan Wijayagunawardana, 62 anos, gerente de um restaurante em Colombo, e seus dois filhos. Iam num vagão de assentos confortáveis com mais uns 100 passageiros, inclusive crianças. Assim como Daya e os filhos, muitos aproveitavam os feriados para visitar parentes.

Perto do povoado de Thelwatte, cerca de 18 quilômetros ao norte da estação de Galle, o trem parou abruptamente. Os passageiros ouviram gritos vindo da direção do mar. Dezenas de habitantes do povoado – jovens, em sua maioria – correram em direção ao trem e invadiram um dos vagões à frente daquele onde se encontrava Daya.

Momentos depois, Daya descobriu de que aquela gente fugia. Uma onda gigantesca, trazendo com ela árvores, geladeiras, ventiladores, comida, me-



Enquanto todos fugiam da onda-monstro na praia de Hat Rai Lay, perto de Krabi, Tailândia, a sueca Karin Svaerd corria em direção a ela e à sua família. Milagrosamente, ela, os três filhos, o marido e o irmão se salvaram.

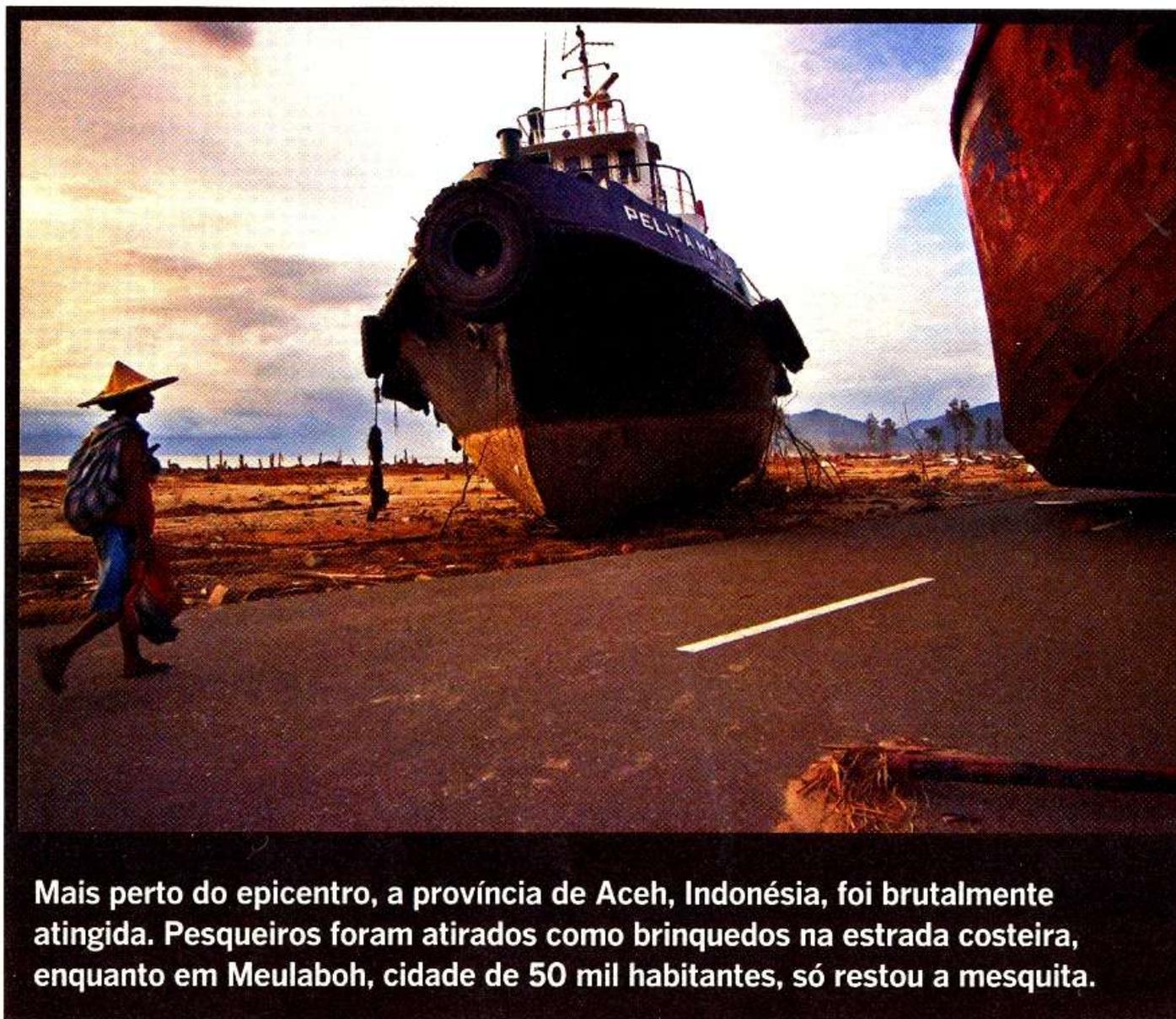
sas e cadeiras, estourou contra o trem. A água tomou o vagão. Daya e os filhos ficaram de pé nos assentos e se agarraram ao bagageiro acima deles.

Enquanto a água escoava devagar, ele ouviu o choro das crianças: “Mãe, mãe, me ajude!” Todos choravam e gritavam ao mesmo tempo. Uma garotinha a seu lado choramingava, aflita.

“Calma, pequena, não tenha medo”, disse Daya, afagando-lhe a cabeça. “A água já foi.” Ele recitou cantos budistas até vê-la se acalmar.

O vagão ainda estava cercado pelas águas, mas o pior parecia ter passado – até que, mais ou menos cinco minutos depois, uma muralha de água ainda maior, desta vez com uns 12 metros de altura, transbordou do horizonte e explodiu contra o trem.

Os vagões foram arrastados e jogados uns contra os outros como se fossem de brinquedo. Os trilhos foram arrancados e atirados para longe. A onda invadiu o vagão com velocidade e força espantosas, levando bagagens e rasgando as roupas das pessoas. Daya e os filhos novamente se agarraram ao bagageiro junto ao teto, com a água acima do pescoço. O vagão capotava



Mais perto do epicentro, a província de Aceh, Indonésia, foi brutalmente atingida. Pesqueiros foram atirados como brinquedos na estrada costeira, enquanto em Meulaboh, cidade de 50 mil habitantes, só restou a mesquita.

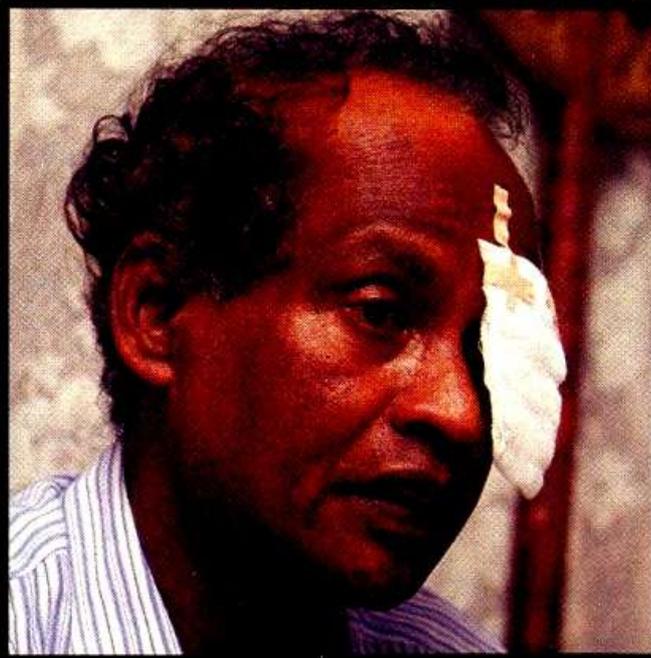
e girava, como se aquele pesadelo fosse um brinquedo de parque de diversões, parando cerca de 40 metros adiante de onde estava. Quando alguns passageiros tentavam escapar por uma abertura de ventilação no teto, o vagão tornou a capotar outras vezes, caindo quase na posição original.

Daya e os filhos se espremeram entre os ferros retorcidos e conseguiram sair por uma janela.

Ao escapar do vagão, viram um templo um pouco acima. O caminho, porém, estava bloqueado pela inundação. Habitantes do povoado atiraram tábuas e folhas de coqueiro em sua direção, e eles as usaram para flutuar até o templo. Lá dentro, dezenas de pessoas se amontoavam. O coração de Daya se apertou de dor por aquela gente que tinha perdido filhos, mães, maridos e lares. Queria descansar, mas o sacerdote insistiu para que todos subissem um pouco mais. Nem mesmo o templo estava a salvo de uma nova onda.

Uma meia dúzia de rapazes chegou em duas canoas, suficientes para aco-





“Pequena, não tenha medo”, Daya Ranjan Wijayagunawardana (à esquerda) tentava confortar uma garotinha depois que a primeira onda varreu o trem expresso a caminho de Galle, no Sri Lanka. Em seguida, outra onda, de 12 metros, estourou contra o trem, fazendo os vagões lotados rolares várias vezes (acima). Daya e os filhos se arrastaram para fora dos destroços, alcançando a segurança de um templo em terras mais altas.

modar as mulheres e as crianças. Depois, amarraram cordas ligando as árvores próximas ao templo a outras mais acima. Daya colocou a filha numa canoa e subiu com o filho para terras mais altas com a ajuda das cordas.

Algum lugar no Oceano Índico, ao largo de Sumatra. Malawati, que tinha buscado refúgio na mesquita do povoado, ainda estava agarrada à palma de sagu. Sua vizinha Suli boiava por perto, agarrada a outra palma.

Pacotes de talharim vieram boiando até elas. As jovens os apanharam e

comeram, agradecidas. Elas se forçavam a ficar acordadas, pois sabiam que o sono poderia significar escorregar para dentro d'água e para a morte.

Então, as correntes começaram a levar as palmas em direções diferentes. Impotente, Malawati viu a amiga afastar-se lentamente e sumir de vista. Entretanto, acreditava que, se Deus a tinha mantido viva até ali, era porque a queria viva. Apavorada e sozinha, ela esperou.

Praia de Gapang, Pulau Weh, Indonésia. Só quando o barco de mergulho se aproximou da terra é que a mergulhadora Akiko Tada entendeu: um *tsunami* arrasara tudo. Árvores arrancadas pela raiz flutuavam na direção deles. O cais de concreto, que se projetava cerca de dois metros acima do nível da água quando eles saíram horas antes, estava submerso. Do restaurante à beira da praia, onde os mergulhadores tinham comemorado o Natal, nada restava. Quando a maré baixou, o barco se aproximou do cais e o grupo se encaminhou para o centro de mergulho.

Tanques de oxigênio boiavam nas águas agora calmas. Uma cadeira de plástico pendia de uma árvore. Telhados foram arrancados das casas; paredes desmoronaram. A única estrutura mais ou menos intacta era o centro de mergulho, de concreto. De resto, tudo na praia tinha sido destruído.

Ilha de Phi Phi, Tailândia. Enquanto isso, 500 quilômetros a nordeste da praia de Gapang, Luke Simmonds finalmente teve a certeza de que nenhuma outra onda viria e desceu da árvore.

O ar estava cheio dos gritos dos sobreviventes à procura de entes queridos e dos lamentos dos feridos. Um pai chamava, desesperado: “Dominique! Por favor, onde está você? Isabelle!” Sem parar, o homem aflito repetia os nomes das filhas, sem obter resposta.

As pessoas vinham de todas as direções, muitas cobertas de sangue. Outras permaneciam no mesmo lugar onde o *tsunami* as deixara, machucadas demais para fazer algo além de gemer. Com um psiquiatra que ficou conhecendo apenas como CC, Simmonds e outros sobreviventes improvisaram um hospital nos andares mais altos do Cabana Hotel. Com tiras de tecido, lençóis e o que mais puderam encontrar, eles enfaixavam os que conseguiam chegar até eles e seguiam os gritos dos que não podiam andar.

Num monte de escombros, encontraram uma garotinha chamada Sally, com ferimentos profundos, chegando ao osso. Usando uma porta como ma-



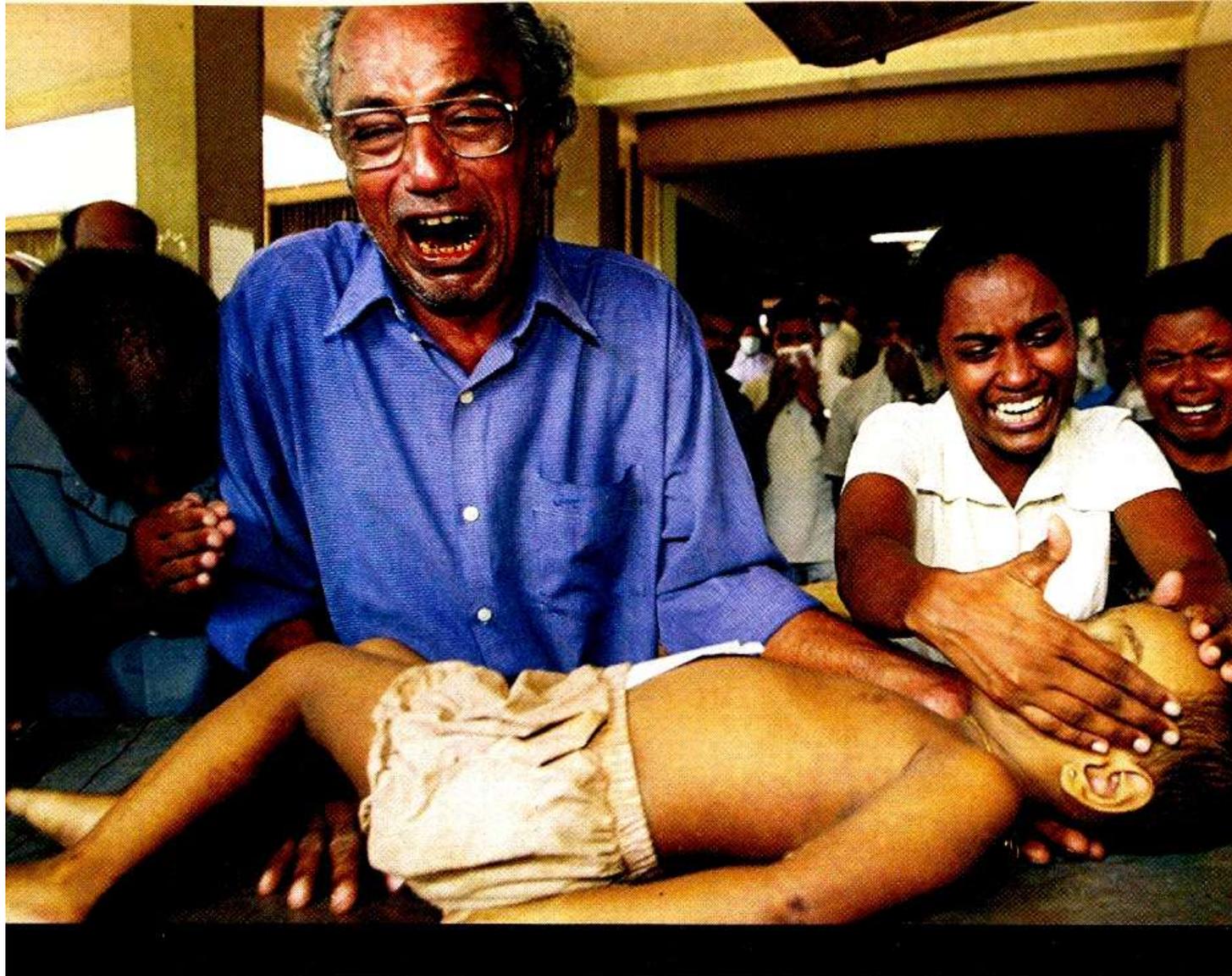
Paredes de fotos, como esta no sul da Índia, espalhavam-se pela região para ajudar as famílias a procurar desaparecidos e encontrar os corpos dos seus entes queridos. Um pai em Galle, Sri Lanka (à direita), chora a perda do filho.

ca, eles a levaram escada acima até CC. Outros feridos foram transportados da mesma forma. Numa japonesa com um corte fundo na garganta fizeram uma bandagem com um lençol do hotel. Uma sueca tinha a cabeça aberta e também foi tratada da melhor maneira possível com lençóis. A perna esquerda de uma jovem japonesa que estava de férias com a família tinha uma fratura e estava terrivelmente torcida. Simmonds pegou-lhe a mão, beijou-lhe a cabeça e disse palavras tranquilizadoras, mas não conseguiu conter o choro com a jovem quando três outros homens puxaram a perna dela durante três ou quatro minutos para colocá-la no lugar. E ficou impressionado com a coragem da moça diante do que ele sabia ser uma dor insuportável.

Por volta de 100 pessoas, entre homens, mulheres e crianças, reuniram-se dentro e em volta do hotel para ajudar.

Às 14h30, a primeira embarcação de resgate apareceu. Cerca de 20 dos feridos mais graves foram levados em macas improvisadas.

Começaram a circular rumores de que outras ondas viriam; quem podia



andar subiu as colinas. Três sul-africanas de uma mesma família se aproximaram, uma delas trazendo nos braços a filha de 7 anos, Chané Panaino, ferida e ensangüentada. A menina quase se afogara, mas a tia a trouxera de volta à vida com manobras de ressuscitação. Ainda assim, a criança parecia meio inconsciente. A mãe e a tia estavam exaustas. Simmonds tomou Chané nos braços e, com a ajuda de outro inglês, acomodou-a em lugar seguro. Depois de duas horas, porém, vendo que Chané não sobreviveria sem atendimento médico, desceu a colina com ela e conseguiu que fosse levada num barco com outros 100 sobreviventes para Phuket, no continente.

Às 22h30, Simmonds finalmente conseguiu internar a menina na UTI do Mission Hospital, onde ele permaneceu até a chegada da família.

Praia de Gapang, Pulau Weh, Indonésia. Na manhã seguinte ao *tsunami*, Akiko Tada e cinco outros mergulhadores embarcaram num pesqueiro rumo a Banda Aceh, no extremo norte de Sumatra, para o primeiro trecho da viagem de volta a Cingapura. O oceano estava estranhamente calmo, como que cansado da ferocidade da véspera.



No meio do caminho, encontraram uma enorme quantidade de destroços – árvores, geladeiras, carros, animais mortos. O capitão tentou contornar, mas folhas de palmeira emperraram a hélice e ele teve de parar e liberar o motor antes de continuar.

Quando estavam a cerca de 500 metros da praia, viram os primeiros corpos. Muitos eram de crianças. Akiko tentou desviar o olhar, mas começou a compreender o que o *tsunami*, que passara tão suavemente acima dela no mar, tinha feito às praias distantes do centro de mergulho em Pulau Weh. Era uma catástrofe.

Por mais terrível que tivesse sido a cena no mar, em terra era muito pior. A morte estava em toda parte. Os corpos estavam escurecidos de lama e lodo. Povoados inteiros tinham desaparecido. Um grande barco de pesca se equilibrava no alto de um dos poucos prédios ainda de pé. Em meio à devastação, os sobreviventes vagavam, esmagados pelo peso de uma perda tão grande, procurando desesperadamente os desaparecidos. Covas eram abertas para receber pilhas de cadáveres.

Carregando o equipamento pesado, os seis mergulhadores seguiram rio acima, na direção da estrada principal. Ninguém falava. Durante horas, ca-



Os sobreviventes têm histórias impressionantes para contar. Depois de 12 dias no mar, Ari Afrizal foi resgatado por um navio a 370 quilômetros de casa na costa ocidental de Aceh. Em seu quarto dia no mar, o pedreiro de 22 anos encontrou uma plataforma de pesca abandonada (à esquerda) com água doce e abrigo. Malawati Daud (acima), grávida de quatro meses, agarrou-se a uma palma por cinco dias antes de ser resgatada na costa da Malásia.

minharam pela estrada, passando por ruínas que pouco tempo antes fervilhavam de vida. Veículos se dirigiam em velocidade ao aeroporto. Nenhum parava. Finalmente, encontraram um homem à beira da estrada que se dispôs a levá-los ao aeroporto. Já no ar, perceberam o quanto tinham estado perto do epicentro do tremor. Mas foi somente quando chegaram a Cingapura que ficaram sabendo da extensão da destruição causada pelo *tsunami*.

O TREMOR QUE PROVOCOU as ondas foi o mais forte dos últimos 40 anos. Sua intensidade abalou a Terra, chegando a deslocar em alguns metros a posição de certas ilhas. Cientistas acreditam que a magnitude de 9,0 tenha feito o planeta oscilar brevemente em seu eixo e talvez tenha encurtado o dia de modo imperceptível.

Nas semanas seguintes ao *tsunami*, os números de mortos e desaparecidos eram revistos – sempre para mais – quase todos os dias. Talvez o número exato nunca seja conhecido, mas certamente ultrapassa 200 mil.

Tanta tragédia. Tantas mortes. E, no entanto, continuam a surgir histórias como essas, de sobrevivência, sorte, coragem e heroísmo.

Malawati, a jovem grávida arrastada para o mar, foi salva depois de cinco dias por um barco pesqueiro. Ainda estava agarrada à folha de palma de sagu, a 200 quilômetros da mesquita onde procurara abrigo com o marido. Ela sobreviveu se alimentando do talharim encontrado na água e das sementes da palma de sagu. Seu marido não foi encontrado. Mas Malawati e a criança que ela carrega vão viver.

Ironicamente, Samith Dharmasaroja – que por tantos anos tentou convencer seu governo da ameaça dos *tsunamis* – foi nomeado vice do primeiro-ministro da Tailândia e foi-lhe confiada a missão de criar um sistema de alarme para que uma tragédia como essa nunca se repita no Oceano Índico.

Colaboraram: Chan Li Jin, Malásia; Shandini Fernando, Sri Lanka; Simon Farrell, África do Sul; e Maneeya Dhammataree, Tailândia. Notícias do Reader's Digest Bureau da Ásia, Austrália, Europa, Estados Unidos e Canadá.

MANEIRAS DE ENLOUQUECER SUA SOGRA

Alguém tinha de pensar em escrever um livro sobre o tema. Eis um punhado dessas idéias:

- Quando estiver sozinho com ela, concorde com tudo; numa conversa em grupo, negue tudo.

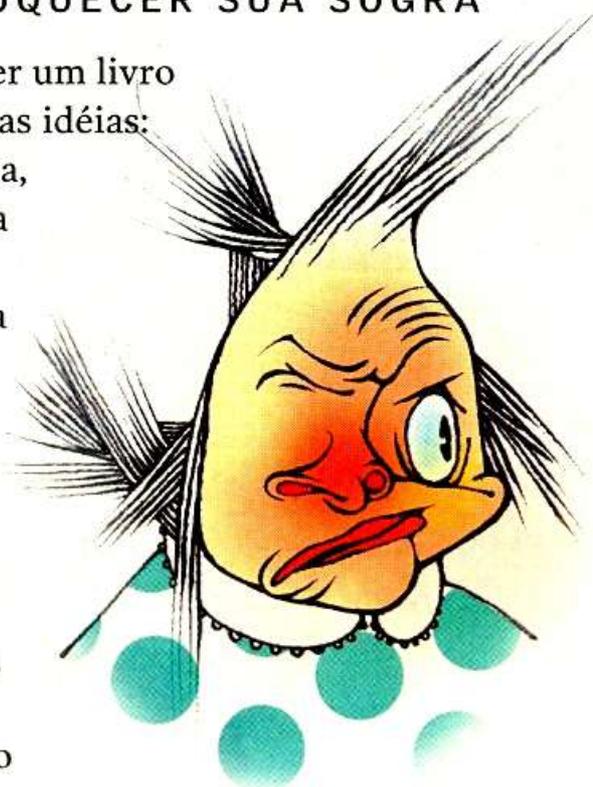
- No aniversário dela, pergunte a idade, mesmo que já saiba. E bem alto, para que todos ouçam.

- Quando ela reclamar de dor, diga-lhe que o melhor remédio é uma pilha cheia de louça.

- Peça a ela para ser sua fiadora.

- Quando ela lhe pedir um favor, diga que está ocupado (neste momento você deve estar assistindo ao programa mais inútil da televisão).

- Se ela lhe der presentes, diga que gostou muito e, em seguida, pergunte se a loja faz trocas aos sábados.



ANDREY DO AMARAL, Como enlouquecer sua sogra... (Editora Best Seller)